

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA**O SONHO do BÈBÈ**

POR MARIO COSTA PINTO

DESENHOS DE A. CASTAÑÉ

O Pai do Joãozinho é aviador. Todos os dias se levanta muito cedo e vai para o campo de aviação fazer os seus treinos.

Mal lá chega, enverga um fato macaco, sôbre a farda cinzenta de oficial e, saltando para um avião branquinho — tão lindo que mais parece um pombo do Rossio — ei-lo no espaço, ora voando muito alto por entre as nuvens, ora razando os telhados com tanta perfcia que tôda a gente fica admirada!

Vôa, vôa muito e, de regresso ao campo, passa baixinho sôbre o quintal da sua casa, ali em Belas, onde o Joãozinho, com um lenço, diz adeus ao Pai, com muita ternura, com muita graciosidade.

O garoto sempre que o Pai deixa, de manhã, a casa, toma-lhe o passo e diz-lhe com muita meiguice:

— «Meu! Pai! Leve-me consigo? Eu gostava tanto de voar!» — mas o aviador não tem feito a vontade ao filho e sempre que êste lhe dirige tal pedido, responde-lhe:

— «Tu queres ter umas asas como as do Paizinho?»

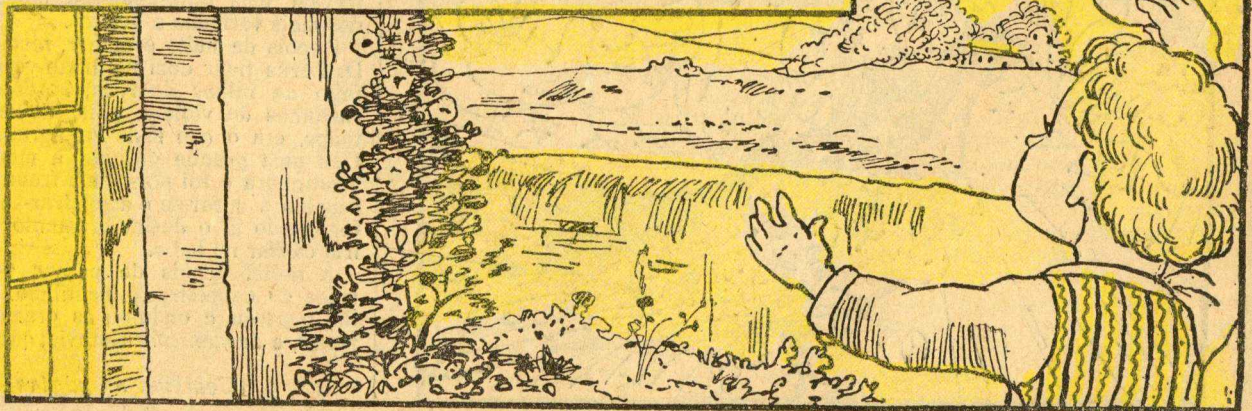
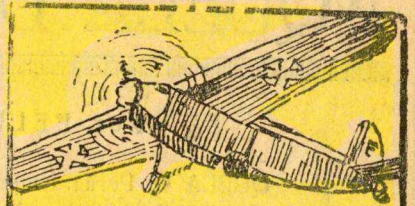
— «Quero...»

— «Então sê aplicado nos estudos e, quando, daqui a pouco tempo, fôres um homem, terás umas asas ainda mais doiradas do que as minhas e com elas voarás muito!»

Na esperança de vir a alcançá-las, o miudo vai estudando com grande entusiasmo, mas, esteja na escola ou em casa agarrado aos livros, sempre que ouve o motor de qualquer avião, larga tudo, abre as janelas de par a par e, pondo-se muito atento a olhar para o aparelho que passa, sereno, no espaço, diz em voz alta para que todos possam ouvir:

— «Eu quero ser aviador!»

Ora, no outro dia, o Pai do Joãozinho comprou uns balões muito bonitos para com êles enfeitar o quintal, na noite de S. João.



Para os balões serem ainda mais engraçados, mandou pintar um avião em cada glóbo e assim parecia uma esquadra aérea a dar a volta ao mundo...

Nessa noite de folia popular, houve festa rija no quintal. Ardeu a fogueira. Subiram aerostatos. Choveram estrelinhas. Estralejaram foguetes. Eu sei lá! O Joãozinho já não parou um instante. Saltitava daqui para ali e dali para acolá num contentamento tão grande que fazia tóda a sua felicidade.

Pulou, brincou até mais não poder esôbre a madrugada o «João Pestana», tomando-o à sua conta, obrigou-o a ir para a cama que era muito fôfinha, mesmo um regalo.

O miúdo, deslumbrado com os balões que tinham aeroplanos pintados, adormeceu profundamente e não tardou a sonhar que era aviador!

Que rico sonho o dêste menino! Sentia-se no espaço, a guiar um avião muito grande como o do Paizinho — e que facilidade que êle tinha em manobrá-lo! Dava voltas e mais voltas! Razava os telhados. Dava cambalhotas. Depois subia muito, muito alto e com grande velocidade fazia um picanço à terra para logo a seguir se elevar até às nuvens!

O Joãozinho sentia-se bem no espaço, tão bem que nem tinha desejos de descer!

Durante o sonho, não sei que voltas o pequenito deu na cama, o que sei é que, tendo tomado as cambalhotas a sério, foi-se chegando para a bordinha e... caiu sôbre o tapete, levando tóda a roupa atrás de si!

Acordou a chorar muito, porque tinha feito um galo na testa!... Tal berreiro fez, que pôs a família tóda a correr para o quarto do pequeno em grande velocidade. Até parecia a corrida da maratona...

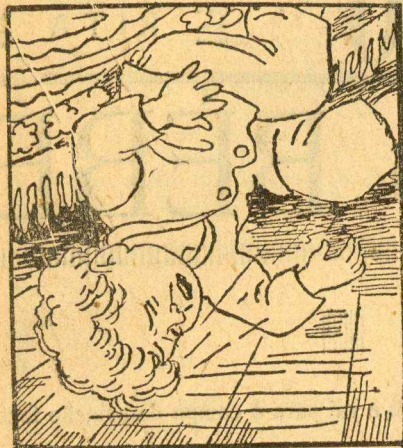
O Pai do Joãozinho foi o primeiro a chegar ao local do «desastre» e vendo o filho no chão, levantou-o, interrogando-o:

— «Como fizeste isto, meu filho?»

— «Estava a sonhar que ia de avião e... caí da cama!»

O Pai do Joãozinho achou graça ao sonho do petiz e, acariciando-o, respondeu:

— «Não tem importância, meu filho. Foi uma aterragem forçada...»



■ ■ F I M ■ ■

AQUELA DONA PERUA

≡ Por FELIZ VENTURA ≡

A

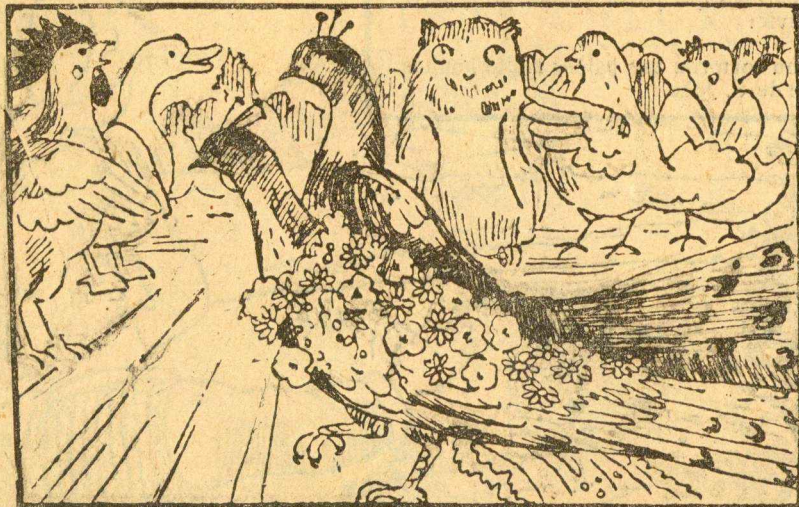
QUELA D. Perúa sempre era muito vaidosa.

Certa manhã, mal se levantou, a primeira coisa que fez foi dirijir-se ao telefone e ligar para a casa de modas donde gastava.

— «Está lá? Está lá? É da casa de modas?»

Olhe, fazia favor mandava a casa da senhora D. Perúa os vestidos de baile que estiverem mais em moda. Mas não demore nada porque é um caso de muita urgência.»

E D. Perúa, ao pousar o auscultador,



estava cheia de contentamento. Movia a cabeça e a cáuda sem cessar, não havendo maneira de estar quieta.

Para se encontrar assim tão cheia de alegria alguma coisa havia de extraordinário, pois nunca ninguém a conhecera senão rabujenta e impertinente. E havia. O Dr. Galo Galão, como prova do seu regosijo por sua filha completar algumas ridentes primaveras, daria um grande baile, no fim do qual se faria a eleição da rainha da festa. E, como recebera um convite, eis a razão porque a D. Perúa se mostrava, assim, tão apressada. É que queria ter tudo pronto a tempo e a horas.

Passados alguns momentos, chegou a menina Toutinegra (a mais hábil costureira de então) que se fazia acompanhar por um sem número de caixas e pacotes que, abertos, mostravam uma infinidade de modelos dos mais variados e bonitos.

Depois de muito escolher, resolveu D. Perúa ficar com um lindo vestido feito de folhas de rosa, bordado a raminhos de violeta, pois, de entre todos, era o que mais lhe agradava. Deu uma grande gorgeta à menina Toutinegra e foi pôr-se em frente do espelho a mirar-se e a remirar-se antegozando já o deslumbramento que iria causar no baile.

À noite, depois de passar pelas mãos do cabeleireiro Tentilhão, que lhe penteou e ondulou as graciosas penas, e da manicure Cotovia, que lhe

(Continua na página 4)

O LADRÃO do BAGUINHO

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

QUANDO a formiga Catrapiga encontrou no pomar aquele baguinho de romã, dansou, cantou, pulou, muito contente com tal achado.

Nunca assim vira cousa mais linda... Tão transparente!... Duma côr tão bonni a!

Mas o baguinho era grande e a Catrapiga pequenina... Por mais que puxasse pelo bago tamanhão, não via meios de o acarretar para o celeiro.

Desandou, então, por ali fóra e vai, encontrou o gafanhôto que logo lhe perguntou:

— «Onde vais com tanta pressa?» —

— «Vou chamar uma das minhas irmãs, para me ajudar no transporte dum baguinho encarnadinho que caiu da romãseira.» —

O gafanhôto fez um oh! de espanto e, com a perna alta, todo pernalta, por entre a relva, se pôs a andar. No meio do carreiro, a formiga Catrapiga esbarrou com uma outra formiguinha e logo lhe deu parte do tesouro que além encontrara, tão apetitoso, rosado e bem cheiroso!

Mas quando as duas chegaram ao fundo do pomar, onde parava o belo baguinho da romã?

Desaparecera!...

Nem vestígios dêle se viam entre as fôlhas sêcas que atapetavam o chão, entre os grãozinhos de terra, entre as raízes das árvores.

Indignada, a Catrapiga dava pratos à imaginação, pensando, matutando no misterioso desaparecimento. Quem seria o ladrão do baguinho?

Foi-se, então, para fazer suas queixas à justiça.

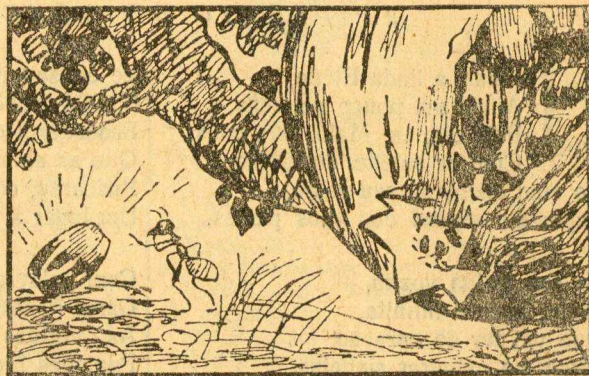
No tribunal, o juiz era a abelha que zumbe grosso e ferra forte, o advogado, o mosquito Zumbe-zumbe, tão maçador que adormeceu o auditório da bicharia que, interessada, acorreu.

A Catrapiga acusou o gafanhôto, único sabedor da aparição do bago da romã.

O gafanhôto protestou, gesticulando com as patas desajeitadas, em gestos furibundos e descompassados. E jurou que seria êle que havia de descobrir o infame ladrão que tão grande vexame o fazia passar.

A justiça quedou interdita, sem saber que resolução tomar, ante êsse problema intrincado!

Pôs-se em campo o gafanhôto e nunca mais parou



galgando sébes, escalando muros, enterrando o focinhito nas pedras, pedrinhas e pedregulhos, sempre em cata de qualquer indício que esclarecêsse o mistério.

Por fim, muito desconfiado, passou e tornou a passar, à beira dum valado, cravando os olhos salientes, numa flôr-coelhinho ou bôca de lobo, que são aquelas flôres que abrem e fecham, com tanta gracinha.

Pois aquela que êle fitava com tal insistência, há muito se conservava fechada e como isso deu na vista ao amigo gafanhôto, o que fez êle?

Com as patitas afiadas conseguiu abri-la e que viu lá dentro?

O famoso baguinho!!!

— «Gafanhoto! Gafanhoto! Não me deites a perder!» — exclamava, de bôca escancarada, numa voz aflita a flôr coelhinho.

Implacável, o gafanhoto não ouvia seus rogos. Arrancou-a, sem piedade, da haste e levou-a para o tribunal, a ela e ao baguinho de romã, causa de tanta balbúrdia.

— «Eis, aqui, a culpada e o corpo de delicto» — disse, cheio de importância.

No banco dos réus, a florinha gritava, em altos berros que era uma vítima inocente.

Mas a abelha juiz zumbiu grosso, como convinha e disse ameaçadora:

— «Serás condenada por crime de alta traição!» —

Entrementes o advogado de acusação, o tal mosquito Zumbe-zumbeia começou um tremendo discurso, quando um bezouro respeitável, o advogado de defesa, se adiantou, interrompendo-o, autoritório:

— «Alto lá! Primeiro será ouvida a acusada. Ela que explique como o caso se deu.» —

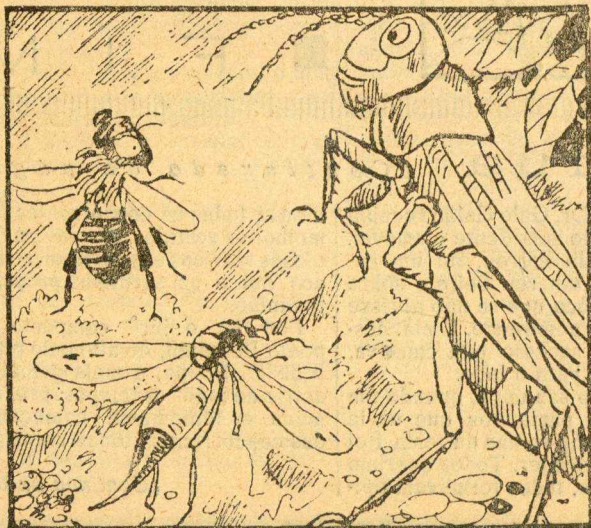
A flôr-coelhinho levantou-se, muito côxa, porque sem haste, faltava-lhe o arrimo, e falou assim:

— «Costumava dormir de bôca aberta, um defeito raro na minha espécie. Vai daí o vento atirou-me cá para dentro o baguinho, trazido, por êle, sei lá donde!? Comecei, então, a ouvir uns zuns-zuns entre as plantas da vizinhança... diziam que andavam em busca do tal baguinho... Com medo à justiça, — razão tinha eu! — fechei a bôca e nunca mais a abri! Não sou culpada! Estou inocente!» — e a florinha desfazia-se em pranto, com as fôlhas já amachucadas, de tanta desolação!

À roda, a bicharia clamou, cheia de pena:

— «Ponham-na em liberdade! Pobre flôr-coelhinho, tão cedo arrancada à sébe, onde vivia feliz!» —

O tribunal pensou, matutou, ponderou e, por fim, decidiu soltar a flôr e prender o vento, único culpado do crime.



(Continua na página 7)

O Programa da Lena

Por F. C. de CARVALHO

Desenhos de A. CASTAÑE

2.º PRÊMIO DO CONCURSO

HA dias, a linda Eléna,
Ainda um pouco pequena,
Pois fez, em Maio, sete anos,
Com ar soléne, compôsto,
Ao meu encostou seu rosto,
Expoz-me alguns dos seus planos.

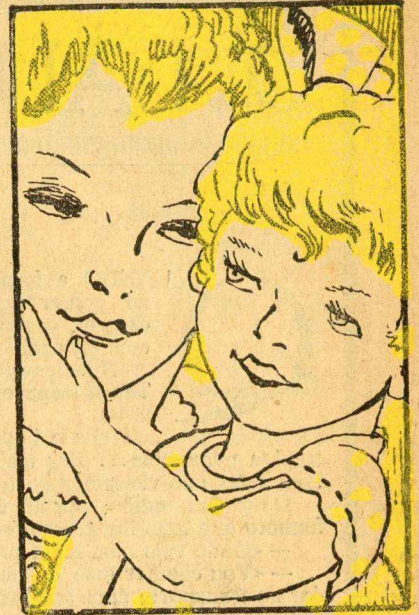
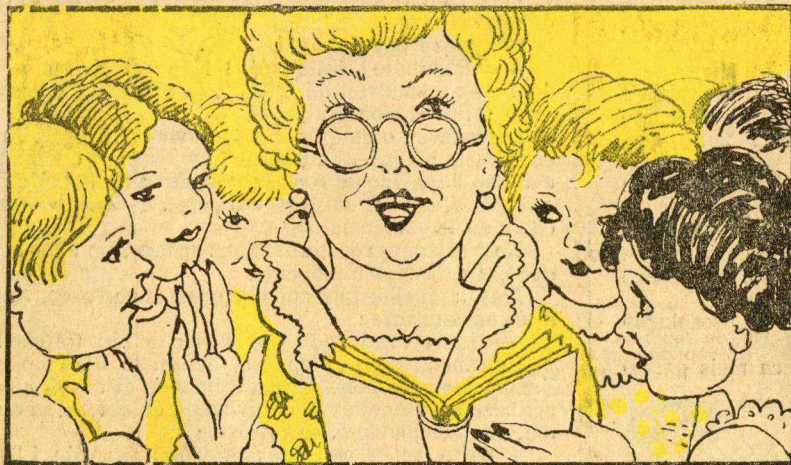
Na sua meiga vozita,
Duma docura infinita,
Que vai ter ao coração,
Disse em palavras singelas,
Coisas profundas e belas,
Que me encheram de emoção.

Falou assim: — «Pode crêr,
Vou estudar a valer,
Pr'a vir a ser professora;
E para tal alcançar,
Também muito hei-de rezar
A Virgem Nossa Senhora.

Se conseguir o meu fim,
(Oxalá suceda assim),
Procederei de maneira
Que as alunas, à porfia,
Buscarão, com alegria,
Um lugar à minha beira.

Com palavras carinhosas,
Darei lições proveitosas,
Às queridas inocentes;
Punições hei-de bani-las,
Para que as minhas pupilas,
Sejam, na Vida, clementes.

Em vez das pênas usadas,
Das cruéis palmatoadas,
Das condenadas sevícias,
Que não convencem ninguém;
Chamá-las-ei para o bem
Com brandura e com carícias.



Será esta a minha lei.
Sempre as acarinharei.
E pr'a ficarem, de mim,
Com doces, ternas lembranças,
Hei-de tratar as crianças
Como rosas dum jardim.

Do dinheiro que ganhar,
Mais de metade hei-de dar.
Uma parte aos pobrezinhos,
Outra aos meus amados pais,
Que mereciam bem mais,
Por me encherem de carinhos.

No fim, com pose, proclama:
Eis aqui o meu programa,
Que julgo ser razoável.
Quero que as minhas alunas,
Sejam, mais tarde, colunas
Dum mundo mais aceitável.

■ F I M ■

Aquela Dona Perúa (Continuado da página 2)

pintor) as unhas, como exigia a moda, veio a Pa'inha, sua criada, participar-lhe que o carro, chamado a tóda a pressa, para a cond uzir ao baile, se encontrava já à porta. Envergando, à pressa, o vestido tão vistoso e pondo na cabeça um lindo chapéu feito de folhas de alface, D. Perúa entrou para o carro, que era puxado por borboletas, e em menos de um segundo estava à porta do Dr. Galo Galão.

O baile estava bastante animado. O grande salão, profusamente iluminado e decorado a primor, encontrava-se já quasi

cheio e, cá fora, o Dr. Galo Galão recebia os convidados muito sorridente e amável.

Quando D. Perúa entrou, foi um sucesso! Todos os olhares caíram sobre ela e não houve bôca que se não abrisse num grande ah! de admiração. E ela, desdenhosa, vendo o sucesso que causava, nem sequer olhava para o lado.

Estava a festa no seu áuge, quando um irrequieto besouro participou que se ia proceder à eleição da rainha da festa. Foi um barulho ensurdecedor. Todos queriam os melhores lugares, todos formavam opi-

niões e todas as concorrentes compunham melhor os vestidos, ensaiavam os mais graciosos sorrisos e recorriam, sem descanço, aos mil e um artificios próprios do sexo feminino.

Por fim, o júri, composto do grande poeta Rouxinol, do afamado pintor Pombo e de D. Poupá, a mais genial e formosa atriz de todos os tempos, procedeu à chamada e, lentamente, começou o desfile das concorrentes, tódas muito presumidas

(Continua na página 7)

O Prémio de Honra

Por MARIA AMÉLIA CARVALHO de ALMEIDA

Desenhos de ADOLFO CASTAÑÉ

2.º PRÉMIO DO CONCURSO

ESTAVA decorrendo a Semana da Bondade. E o Sr. Professor, desejoso de constatar boas qualidades nos seus alunos, tinha-os aconselhado a praticarem, na quinta-feira daquela semana, *pelo menos*, uma boa acção que depois lhe contariam, para ele ver quem merecia um prémio de honra.

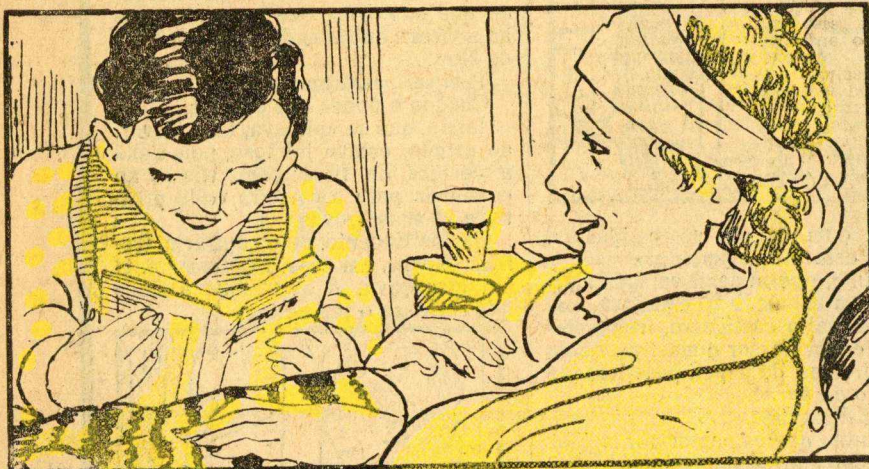
No sábado, assim que o Mário entrou, o Sr. Professor perguntou-lhe:

— «Qual foi a boa acção que praticaste na quinta-feira?»

O pequeno corou, muito envergonhado, e respondeu em voz baixa:

— «Sr. Professor, não pensei nada nisso, porque a minha maçinha adoceceu.»

— «Então, e que tinha isso com o caso?» — perguntou-lhe, novamente, o mestre.



Na sexta-feira seguinte, após a entrada dos alunos na aula, chamou os mais velhos, e inquiriu de cada um qual a boa acção que tinha feito.

Responderam:

O ZÉZINHO: — «Não fiz zangar minha mãe, e obedeci a tudo o que me mandaram fazer, sem replicar.»

O VASCO: — «Estudei com atenção as minhas lições e depois fui ajudar o meu pai na sua oficina.»

O NECAS: — «Cumprimentei muito amavelmente os meus vizinhos pobres que moram defronte.»

O CARLITOS: — «Não maltratei o meu gato, não fiz mal aos passarinhos, nem estraguei as plantas do quintal.»

O JOAQUIM: — «Eu mandei o meu nome todo para o *Século*, com uma dádiva para os pobres.»

O VÍTOR: — «Eu não briguei nem chamei nomes a ninguém.»

O FERNANDO: — «Eu ontem, tudo o que disse, era verdade.»

Todos tinham respondido, excepto o Mário, que naquele dia não tinha ido à escola. Por isso, o Sr. Professor aguardou que ele viesse e, sem que o notassem, observou, durante o recreio, o que sobre o assunto uns diziam aos outros.

Ouviu, ouviu, e chegou à conclusão de que cada um estava convencido de merecer o prémio.

— «E' que, como vivemos sós, eu e minha mãe, tive de tratar dela, fazer a comida... e o resto do tempo estive ao pé da cama, a ler-lhe os meus livros, para ela estar mais entretida e esquecer-se de que estava doente.»

O Sr. Professor mandou-o sentar e, sem mais falar no assunto, deu início às lições. Soube, depois, que todos tinham troçado o Mário, por ele ter estado a cozinhar, chamando-lhe Dona Mariquinhas, etc.

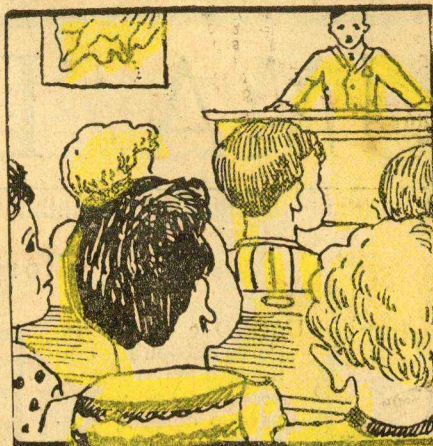
À hora da saída, reuniu os alunos de todas as classes e disse, dirigindo-se àqueles com quem na véspera tinha falado:

— «Meus meninos: Querem saber o que eu penso acerca das boas acções que praticaram, não é verdade? Pois bem: A minha opinião é de que, embora todos tivessem procedido bem, apenas cumpriram o *seu mais simples dever*, e só um procedeu com verdadeira bondade. Sei que todos consideram a sua acção como uma coisa extraordinária!... Isso, porém, só prova que não costumam proceder como deviam, e patenteia, claramente, os defeitos de cada um! Senão vejamos:

ZÉZINHO: — Costumas ser desobediente e respondes mal a tua mãe.

VASCO: — Tens sido mau estudante e preguiçoso.

NECAS: — És orgulhoso da fortuna da tua família.



CARLITOS: — És turbulento e estouvado.

JOAQUIM: — És vaidoso. Podias ter dado a esmola sem dizeres o teu nome.

VÍTOR: — És brigão e andas sempre em disputas.

FERNANDO: — És mentiroso. É isto verdade?

Corados de vergonha, vexadíssimos perante todos os condiscípulos, que os fitavam curiosamente, eles tiveram que responder, em voz alta:

— «É sim, Sr. Professor.»

— «Portanto, — (continuou este) — reconhecem que têm feito mal. É, pois, necessário que procedam sempre como o fizeram na quinta-feira, para que, de futuro, as boas acções que praticarem não sejam apenas por simples dever, mas, sim, por bondade. Compreendem?»

Quero, também, dizer-vos que praticaram uma feia acção trocando o vosso condiscípulo Mário. Demonstraram, além de mau carácter, serem capazes de abandonar as vossas mãis, num caso semelhante. Não se envergonham disso?

Pois saibam que foi essa a boa acção



do Mário, e a única que merece ser premiada. Cumpriu o seu dever, cuidando de sua mãe, visto que não tinha mais ninguém para o fazer, e procedeu com bondade, pois privou-se do seu recreio, ficando a fazer-lhe companhia. Fez isso naturalmente, sem o orgulho de o contar, nem prosápias de vencedor.

É a ele, portanto, que na próxima festa

UMA BOA LIÇÃO

Por MANUEL FERREIRA

QUANDO o Carlos Eugénio chegou aos oito anos, o pai, o senhor Menezes, mandou-o para o colégio, preparar-se para ser alguém.

O pequeno era fidalgo da mais nobre estirpe portuguesa, descendente dos condes de Menezes.

Era, profundamente, vaidoso, dum orgulho sem limites. Quando o pai lhe disse ser tempo de ir para a escola, Carlos, que, até então, levava uma vida de príncipezinho, retorquiu, com altivez, erguendo a cabeça:

— «Papá! Então, um Menezes, filho da mais alta fidalguia da nossa terra, vai conviver com os pobres, com os garotos sem categoria?»

O pai respondeu-lhe, dignamente:

— «Sim, Carlos Eugénio. Já lá vai a época em que um fidalgo não con-



brincar com os da vossa igualha. Que tal está o atrevidimento!»

Contudo, a-pesar desta vaidade, Carlos era um cábula. Não estudava, embora seu pai o castigasse, freqüentemente, e o professor o mostrasse com umas orelhas de papel, passando-lhe atestado de burro.

O pai dizia-lhe:

— «Então queres passar por melhor aluno e és o que tem notas mais baixas? Que contraste! Olha que um fidalgo não pode ser ignorante.»

O pequeno prometia emendar-se mas continuava a não ligar importância ao estudo.

Naquela tarde, Carlos tomou parte numa excursão, com seus camaradas.

De entre eles, havia um rapaz pobre, Jaime, que estudava muito e era inteligente. A certa altura, na conversa, Jaime, ao passar por uma quinta, explicou:

«— Este palácio que o menino aqui

vê era dos duques de Barcelos, descendentes dos Braganças...»

Carlos, pretendendo alardear sabedoria, respondeu, orgulhoso:

«— Isso! Os Barcelos não tem nada com os Braganças. São doutra família.»

Jaime riu-se e, então, colérico, o fidalguinho, observou:

«— Porque te ris? És um ignorante! Percebes mais de famílias nobres do que eu? Olha que na minha casa há nobreza que vem do tempo da Arca de Noé...»

Tempos passaram.

Chegou a época dos exames.

Jaime, que se applicava, com fervor, ao estudo, estava jubiloso, pois tinha a certeza de ficar bem. Ria-se ao caminhar para a carteira onde prestaria as suas provas.

Carlos Eugénio, pelo contrário, tremia. Tivera, em casa, um desmaio. O pai ameaçava. A avó pedia a Deus que salvasse o seu netinho.



Carlos e Jaime, o rico e o pobre, sentaram-se numa carteira. O professor deu o ponto — uma soma de quebrados.

Jaime resolveu o problema, em breves instantes. Ia a retirar-se, quando viu Carlos, aflito, com as lágrimas nos olhos, tremendo, sem resolver o ponto.

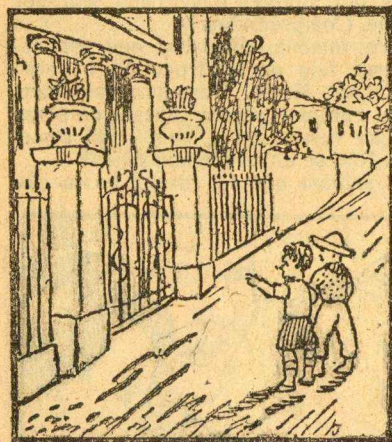
E Jaime, o menino pobre mas digno, disse ao companheiro:

«— Deixe lá, menino. Eu faço-lhe o problema. Dê cá a sua folha, que o professor não vê...»

Concluiu, depois, intencionalmente: «— Já vê que, se eu não sou forte em fidalguias, sou forte em aritmética. Veja se a fidalguia lhe serviu para resolver a soma de quebrados...»

Assim foi.

Jaime fez o exercício ao camarada. Carlos não apanhou a raposa e recebeu, ainda, uma boa lição.



vivia com o povo. Eram os tempos do feudalismo, quando o nobre tratava o plebeu com desprezo.

Hoje, não. O rico tem de se interessar pelos necessitados. O povo que trabalha e luta merece o nosso respeito.»

Carlos baixou a cabeça, ante a reprimenda. E, no dia seguinte, foi para a escola.

Menino mimado, estranhou que o professor não o distinguisse na classe. Julgava que, por ser rico e aristocrata, merecesse mais respeito ao velho mestre. Mas assim não sucedeu. O professor tratava-o como a qualquer outro aluno.

No recreio, os colegas convidaram Carlos Eugénio a tomar parte nas brincadeiras, mas o orgulhoso respondia:

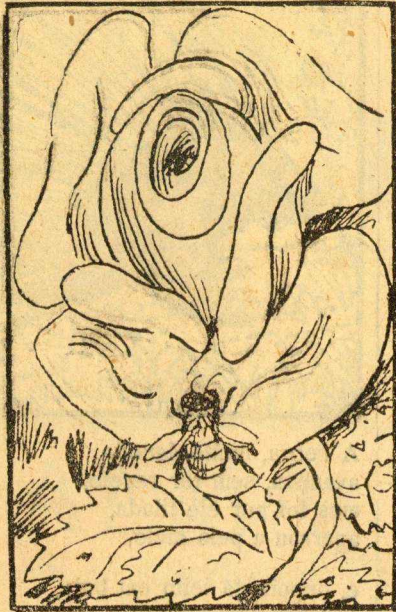
— «Não querem mais nada? Vão

PALAVRAS CRUZADAS

Solução do número anterior

■	C	A	L	O	R	■
C	■	R	■	R	■	P
A	L	B	A	N	I	A
L	■	O	■	A	■	R
A	R	R	E	D	A	R
R	■	E	■	O	■	A
■	C	O	R	S	O	■

ADIVINHA

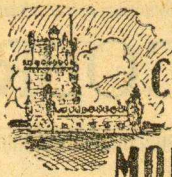


Meus meninos: — Onde estará a menina que, ao querer colher esta rosa, foi picada pela abelha?
Vejam se descobrem.

CHARADAS

Solução do número anterior:

1 — Caracol; 2 — Bezerro; 3 — Pagaio; 4 — Cabrito; 5 — Cavalo; 6 — Pavão.

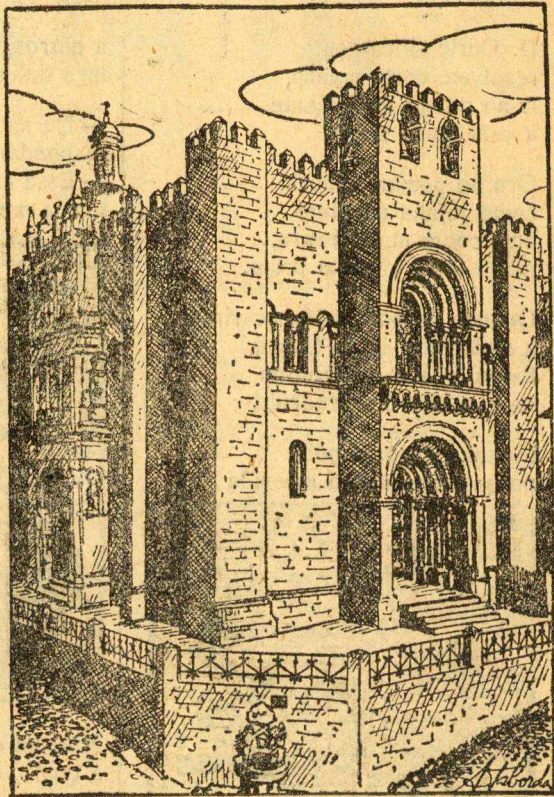


CONCURSO DOS PALÁCIOS E MONUMENTOS DE PORTUGAL



Não se sabe ao certo qual a data da fundação do monumento que a gravura reproduz. É ele uma das mais notáveis catedrais portuguesas e fica situado numa importante cidade universitária, centro de cultura artística e literária.

Construída em estilo românico julga-se ter sido fundada no século VI ou VII. Foi mesquita durante a supremacia dos mouros na Península e purificada, pela primeira vez, em 1064, por Fernando Magno. Devido à influência das épocas em que os reis da primeira dinastia lhe fizeram obras e introduziram melhoramentos, nela se pode ver e apreciar arquitectura diversa: Tem o aspecto de igreja e fortaleza com ameias, e foi recentemente restaurada.



O Prémio de Honra (Continuado da página 5)

escolar, eu vou entregar o prémio prometido, e inscrever solenemente o seu nome no Quadro de Honra que vai ser inaugurado.

Espero que compreendam bem esta lição, e que para o próximo ano eu possa acrescentar mais algum nome a esse Quadro.

E tu, Mário, — (disse-lhe, chamando-o ao pé de si) — deves sentir-te feliz, pela consciência do dever cum-

prido, e não pelos elogios que possas ouvir. Cuidado com o orgulho, porque, então, ficarías sem mérito algum!...

Vamos, meus meninos, abracem agora o vosso companheiro e peçam-lhe desculpa de o terem ofendido.»

Todos, imediatamente, rodearam o Mário, abraçando-o, gesto a que este correspondeu, muito comovido.

Dêsse dia em diante, nunca mais o Sr. Professor teve de castigar ou reprimir qualquer daqueles seus alunos pelos seus defeitos, pois o seu comportamento foi sempre exemplar, e, no ano seguinte, lá estavam no Quadro de Honra por baixo do nome do Mário, os nomes dos seguintes: ZÉZINHO — VASCO — NECAS — CARLITOS — JOAQUIM — VÍTOR — FERNANDO

O Ladrão do Baguinho (Continuado da página 3)

Preparou-se um exército de beleguins, tódas as abelhas do cortiço próximo.

Mas onde parava ele? Por onde andaria, o vento, na sua faina de tudo destruir?

Ali, só corria uma aragem, muito branda, que mal se sentia!

Esperaram, esperaram, impacientes, durante horas...

O vento, por fim, lá veio;
e as abelhas, sem receio,
fizeram-lhe uma embuscada,
mas o vento, sem ver nada,
soprando, muito trombudo,

arrastou, num assobio,
juiz, beleguins e tudo
e não se pode dizer
para onde fôram ter,
porque ninguém mais os viu!
O vento foi o ladrão?

Não!

No seu giro habitual,
por acaso, êle fez mal!

Pois nem sequer soubera dessa intriga,
do grão, do gafanhoto e da formiga,
O vento, não é bom, nem é ruim,
é assim!

O OURIÇO e a COBRA

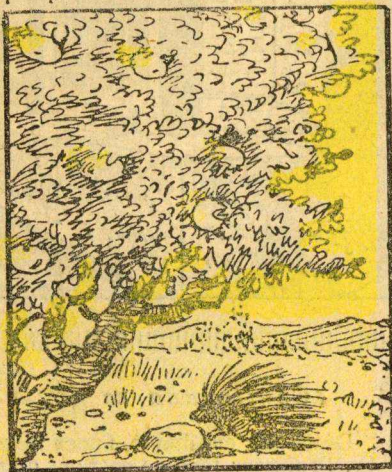
/// Por LAURA CHAVES ///

D. Ouriço-Pica-gente resolveu, certa manhã, ir ao pomar do Vicente à cata duma maçã.

Ora no pomar reinava como rainha absoluta, uma cobra muito brava, muito torta e muito bruta.

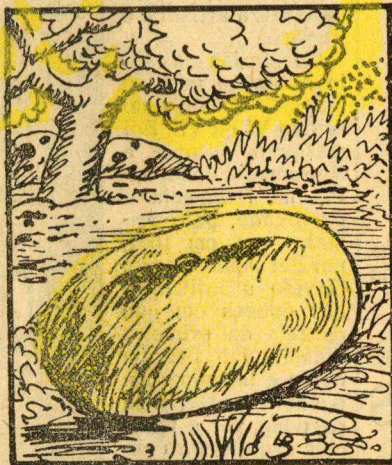
Quando os outros bichos viram a audácia do Pica-Gente, todos logo o preveniram de que não era prudente

ir assim expôr a pele, porque essa cobra atrevida



a outros, maiores que êle, lhes tinha roubado a vida.

— Eu não tenho medo dela! — respondeu o Pica-Gente,
— Essa cobra magrizela nunca me porá o dente. —



Mas, na erva alapardada, a cobra, que tal ouviu, avançou tôda assanhada dizendo, num assobio:

— «Não tens medo? Julgas isso? Bicho atrevido, insolente! Pois vais vêr, reles ouriço, como morres de repente.» —



A cobra, muito danada, avançou, sem ter receio, mas foi por êle filada, agarrou-a pelo meio,

e, depois, já feito em bola, segurou-a fortemente e a cobra a êle se enrola, picando-se mortalmente,

a debater-se, matou-se, de encontro aos agudos bicos. O Ouriço desenrolou-se e, ao vêr a cobra em fanicos,

lá seguiu todo contente e foi, naquela manhã, ao tal pomar do Vicente onde comeu a maçã.

.....
Êste conto é muito certo: meninos, nisto meditem: é bem melhor ser-se esperto, do que ser forte, acreditem.

Aquela Dona Perua

(Conclusão da página 4)

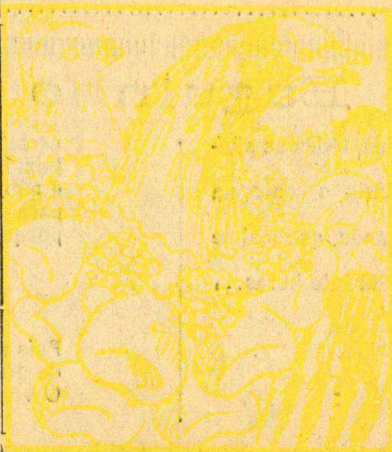
e com muitos requiebrs para darem nas vistas.

Desfilaram, então, a menina Rola com um lindo vestido de flores de tojo e anquinhas de botões de rosa; a Pombinha com um vestido de cauda feito de asas de borboleta; a caprichosa Pardoca com um manto de finíssimo tecido que lhe dava o aspecto de uma rainha e muitas outras que é impossível descrever, entre muitos vivas da assistência entusiasmada.

Chegou, por fim, a vez de D. Perua. Muito emproada, olhando todos com desdém, pois estava certa do seu triunfo, deslisou, muito devagar, para que todos admirassem, à vontade, o seu belo vestido.

Uma prolongada salva de palmas se ouviu e já o Besouro se preparava para anunciar que a rainha da festa

era a D. Perua, quando a porta do salão se abriu e entrou por ela o formoso Pavão, trazendo pelo braço a sua esposa, que ostentava um lindo vestido de papoulas vermelhas e malmequeres brancos.



Um grande brado de admiração se ouviu e, daí a pouco, anunciava-se que a esposa do Pavão fôra eleita rainha da festa, por ser a mais bem vestida.

Todos os presentes, num delírio felicitaram calorosamente a Pavão. Só a Perua ficou raivosa, por se ver derrotada. Bateu o pé, insultou o júri e disse em grandes gritos:

— «Não há direito de se fazer isto! É uma pouca vergonha! Eu é que sou a mais bonita!»

Mas todos se riram dela e disseram, apontando-a:

— «Olhem! Queria ser ela a rainha da festa!»

— «Ora a vaidosa!»

— «Enganou-se! Foi muito bem feito!»

E ela, muito furiosa, saiu, como um furacão, sem se despedir de ninguém, e quando chegou a casa deu largas ao seu furor, fazendo em mil pedaços o formoso vestido em que tinha posto tantas esperanças.